



Voz do Santuário

ÓRGÃO OFICIAL DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DAS PRECES

PROPRIEDADE DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DAS PRECES • TELEFONE 912 DE GALIZES : : DIRECTOR E EDITOR PADRE MÁRIO OLIVEIRA DE BRIT

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO ALDEIA DAS DEZ • OLIVEIRA DO HOSPITAL • COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA DE COIMBRA, L.DA • LARGO DE S. SALVADOR, 1-5 • COIMBRA • TELEF. 24787

A Senhora das Necessidades tem Necessidade de Donativos para O SEU ALTAR

A Capela de Nossa Senhora das Necessidades que lá no cimo do monte do Colcurinho atrai os nossos olhares, erguida entre o céu e a terra nos faz lembrar da nossa querida Mãe do Céu, precisa de uma grande reparação, e precisa sobretudo de um novo altar. Não-de ser as ofertas dos filhos de Maria, dos verdadeiros devotos, que num preito de gratidão e de amor construirão o novo altar.

A capela é a casa de Nossa Senhora. É ali que recebe os seus filhos; é ali que ouve as suas súplicas ardentes e as suas orações fervorosas; é dali que Nossa Senhora faz espalhar as suas bênçãos e as suas graças; é ali que lhe vão agradecer milagres feitos, favores recebidos. É ali, na sua capela, no cimo do monte, entre o céu e a terra, longe do mundo e mais perto de Deus que Nossa Senhora tem a sua morada, para nos atender a valer nas horas difíceis da vida.

É preciso, pois, que a capela seja digna morada da nossa querida Mãe do Céu.

Por isso todos os devotos de Maria devem ajudar as obras, todos devem oferecer os seus donativos, não como esmolas, mas como ofertas generosas que traduzam sincera devoção e filial amor a Nossa Senhora.

Sim, e para que a Senhora das Necessidades te acuda a todas as tuas necessidades.

Já pensaste quanto poderás dar?

Leitor amigo e amigo de Nossa Senhora, não demores a tua ajuda, porque sem a ajuda de todos não se pode fazer coisa de geito.

Senhora das Necessidades!
Ó Santa Senhora, bendita!
Eu quero que a vossa capela
Seja a casa mais bonita.

Eu também Vos dou, Senhora,
Tudo quanto puder dar,
Para que possam construir,
Para Vós, um novo altar.

No mês passado veio de visita a seus pais a Sr.ª D. Maria do Céu Diniz, natural de Aldeia das Dez e residente em Lisboa.

Aproveitou a oportunidade para nos entregar 700\$00 que angariou de pessoas conhecidas e amigas, às quais pediu uma ajuda para a obra de Assistência da sua terra natal.

Deste dinheiro, 300\$00 foram oferecidos pelo Sr. Pedro Marques da Costa, da Rua da Conceição, a quem já escrevemos a agradecer.

A obra da Assistência precisa destas ajudas e destes actos de generosidade e de amor pelas coisas e obras de Aldeia.

— Recebemos 100\$00 da Sr.ª D. Amélia Tavares Diniz; 25\$00 do Sr. Feliciano Portugal, de

Assim vai a nossa Assistência

Oliveira do Hospital e 50\$00 do Sr. Feliciano Marques da Costa, de Tábua.

A todos os nossos agradecimentos e que o Coração de Jesus ajude quem nos ajuda.

Como na Creche temos muitas crianças e como precisam de ser bem alimentadas, já arranjamos um galinheiro para dar ovos aos meninos.

Temos a registar um gesto simpático de algumas famílias de Aldeia. No galinheiro temos nove galinhas, todas oferecidas.

Temos também uma coelha grande e mais dois filhos, também oferecidos.

No galinheiro há lugar para mais e nós precisamos delas. Não haverá quem as queira oferecer?

Olhem que as obras de misericórdia e os actos de caridade é que abrem as portas do Céu. Só com rezas ninguém lá entra.

— Há poucos dias foi a Assistência visitada por três senhoras de Lisboa; uma do Instituto Maternal, outra do Instituto de

(Continua na página 3)

PEREGRINAÇÃO DA DIOCESE DE COIMBRA A FÁTIMA 27 e 28 de Maio

Integrada nas Comemorações do Cinquentenário das Aparições de Nossa Senhora em Fátima, vai realizar-se uma peregrinação da Diocese de Coimbra àquele Santuário, nos dias 27 e 28 de Maio próximo.

As linhas gerais do programa desta peregrinação já foram fixadas, e são as seguintes:

A entrada dos peregrinos no Santuário faz-se às 19 horas do dia 27, depois da Concentração geral das paróquias junto da Cruz Alta. Nesse momento faz-se a primeira visita à Capelinha das Aparições e a saudação a Nossa Senhora.

Pelas 21,30 horas, começará a reza do terço e a procissão de

velas, seguida de uma hora de adoração geral ao Santíssimo Sacramento.

As horas da noite serão distribuídas por turnos às paróquias para fazerem a sua adoração particular na Colunata da Basílica.

Às 6 horas do dia 28, depois do encerramento da Adoração Noturna, começará uma Via Sacra penitencial até ao Calvário Húngaro, no Cabeço de Fátima.

Às 10 horas será celebrada a missa da Peregrinação, com comunhão geral, bênção dos doentes, consagração da diocese e procissão do Adeus.

Já está constituída uma Comissão Central, para orientar a peregrinação, e em breve hão-de

(Continua na página 2)

É Mais Abaixo Alguma Coizinha...

«A capelinha de Nossa Senhora das Necessidades, no alto do Colcurinho, não assinala o local onde a Nossa Senhora apareceu, em recuados tempos».

Um documento publicado na Monografia da Senhora das Precês, 1945, diz assim:

«No ano de 1762 houve aqui um Pároco nesta Igreja de S. Bartolomeu, chamado P.º Paulo da Fonseca, que foi administrador da Ermida de Nossa Senhora das Precês, e vendo que no cabeço do Colcurinho havia um bordo

da primeira capela que Nossa Senhora das Precês teve e como ia a finalizar a tradição antiga aonde Nossa Senhora teria aparecido; este bom administrador mandou fazer uma capela bem no cume do monte para que servisse de memória a todos os viventes que naquele sitio tinha aparecido Nossa Senhora das Precês. Porém aquele lugar aonde agora se vê a capela não é o

porque é mais abaixo alguma coizinha.

A razão e o motivo do Padre mandar fazer a capela fora do lugar onde a Senhora apareceu, sitio de donde a Senhora tinha aparecido, foi para se ver a capela de mais longe e principalmente para as partes de traz da Serra.»

O sitio onde Nossa Senhora apareceu e onde foi construída

a primeira capela foi localizado aqui há uns 20 anos. Fica do lado do Chão Sobral, a norte da actual capela, à beira da estrada que se construiu em volta da capela. O local está assinalado (para quem sabe, já se vê) com uma grande pedra de seixo branco.

Já aqui se falou na conveniência de se construir uma capela no local onde a Nossa Senhora apareceu.

Em 1971, portanto daqui a quatro anos, faz seis séculos que Nossa Senhora ali apareceu.

Não seria a altura própria para comemorar e perpetuar tão jubiloso acontecimento?

Quem nos ajuda?

AVISO

No mês de Fevereiro não foi possível publicar a Voz do Santuário, em virtude da demora na impressão de novas direcções.

Os nossos presados leitores que nos desculpem.

Peregrinação da Diocese de Coimbra

(Continuado da página 1)

formar-se várias sub-comissões, designadamente as dos transportes, alojamentos, doentes e liturgia.

TRANSPORTES — Cada pároquia ou grupo de peregrinos deverá procurar os seus transportes. Neste momento já estão comprometidas muitas camionetas.

Pensa-se na possibilidade de organizar um comboio especial, ou pelo menos utilizar largamente os comboios ordinários. A Comissão pensa poder garantir o transporte em comboio, desde que os Reverendos Párocos lhe indiquem, até ao dia 30 de Abril, o número exacto de peregrinos que utilizariam o comboio, e a estação de embarque.

ALOJAMENTOS — Sendo muito elevado o número de peregrinos que vão a Fátima nesse dia, a Comissão tem de reservar os alojamentos para os mais necessitados, para os doentes e para os que tiverem de ir a pé. Os Reverendos Párocos procurem indicar à Comissão, até 31 de Março, o número de alojamentos de que precisam, para se ver se é possível garantir-lhos.

DOENTES — Conta-se com a

indesmentível generosidade dos nossos médicos e servitas para atenderem os doentinhos da peregrinação. Estes terão a assistência médica necessária, assim como a hospitalização, se dela precisarem (incluindo a alimentação, se fizerem a sua inscrição até 31 de Março, através do seu pároco, que a transmitirá, nessa data, à Comissão Central.

PEREGRINOS A PÉ — Pensa-se poder organizar uma pequena peregrinação a pé, com partida de Coimbra e devidamente assistida. — A inscrição para esta peregrinação faz-se até 30 de Abril.

MANUAL E EMBLEMA — Talvez se possa organizar um Manual da Peregrinação, com todas as indicações e orações, e um emblema para distribuir aos peregrinos inscritos.

A seu tempo serão dadas outras indicações relativas a esta peregrinação. Desde já se pede que toda a correspondência seja enviada para a *Comissão Central da Peregrinação Diocesana a Fátima — Casa Episcopal — Coimbra*, tendo o cuidado de tratar cada assunto em sua folha separada, para se poder distribuir pela respectiva sub-comissão.

Mistério Pascal

(Continuado da página 4)

Esta vida intensa do mistério pascal pressupõe que todos nós, cristãos, somos membros do Corpo Místico, de que Cristo Senhor é a cabeça; e que portanto, mortos com Ele ao pecado, pelo Baptismo, com Ele vivemos já aquela vida divina, que um dia esperamos terá a sua plena expansão na glória celeste.

Unidos deste modo a Cristo e aos Seus mistérios, cujo complexo constitui o mistério pascal, a primeira coisa que é mister não esquecer é que este mistério inclui não só a Ressurreição e Ascensão do Senhor, mas também a Sua Morte e Paixão. A estas nos devemos configurar para um dia sermos transfigurados numa ressurreição gloriosa.

Quer dizer: viver o mistério pascal implica antes de mais nada, não o mutilar. Alegrem-nos, sim, com o seu aspecto glorioso mas não esqueçamos o aspecto, também essencial, do sofrimento e da morte.

A este propósito vale a pena ler e meditar os n.ºs 13 e 18 da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, sobre «A Igreja no mundo contemporâneo». À luz desses ensinamentos se vê claramente que, em face deste mundo, a Igreja permanece optimista e que, portanto, os cristãos o devem ser também. Todavia este optimismo, para não

ser ilusório, tem de pressupor que o triunfo da graça sobre a natureza decaída não se consegue sem sofrimento e morte; morte e sofrimento que se hão-de unir à Paixão e Morte do Senhor.

Vivamos, pois, o mistério pascal; mas não o mutilemos, eliminando dele o elemento doloroso que lhe é essencial.

E nesta sua integridade, feita de alegria e sofrimento, transportemos este mistério para a nossa vida real de cada dia; procuremos inseri-lo nela. Vivamos intensamente a nossa vida humana e as nossas ocupações temporais; mas não esqueçamos que para a viver cristãmente — e até duma forma autêntica e perfeitamente humana — é indispensável morrer ao pecado e mortificar o nosso egoísmo. Fazer da própria vida uma oblação a Deus e uma dádiva generosa, por amor de Deus, ao serviço dos nossos irmãos é, sem dúvida, um nobre ideal. Mas esse ideal teve a sua realização plena no mistério pascal do Senhor.

Também Ele ofereceu a Sua vida, em obediência perfeita ao Pai celeste e pela salvação de todos os homens. «Morrendo destruiu a nossa morte e ressurgindo restaurou a nossa vida».

Seja este o nosso modelo. Que o mistério pascal se venha inserir intensamente na nossa vida humana para que ela seja vivida à luz da Paixão e Morte, da Ressurreição e Ascensão do Senhor!

O DOMINGO

é dia do Senhor

E NÃO PODE SER:

dia de trabalho; mesmo sem remuneração;
dia de taberna e excessos alcoólicos;
dia de pecado e libertinagem;
dia de esfalfamento em bailes diurnos e nocturnos;
dia de dispersão para os diversos membros da família;
dia de jogos ruinosos a dinheiro e a vinho;
dia de condenação para a alma.

O DOMINGO É DIA DO SENHOR E NÃO DEVE SER SÓ:

dia de ostentação e vaidade;
dia de actividades físicas e desporto;
dia de passeio e veraneio;
dia de cinema e diversões;
dia de soalheiro e murmuração;
dia de absorção total em actividades mesmo religiosas;
dia de santificação para as inclinações da natureza;
dia ocioso, vago e inútil.

A QUE SE DESTINA O DOMINGO — DIA DO SENHOR?

a adorar e a servir a Deus;
a participar na Santa Missa e actos do culto;
à leitura de bons livros e bons jornais;
ao desenvolvimento da cultura religiosa;
ao alargamento dos conhecimentos humanos;
à preparação dos novos para a vida e para o lar;
ao contacto dos pais com os filhos na intimidade;
ao estreitamento dos laços de família;
ao útil convívio humano e social;
ao legítimo descanso do corpo;
à visita dos pobres e doentes;
ao exercício do apostolado;
à honesta distração do espírito;
à contemplação e contacto com a natureza;
à reflexão calma dos problemas da vida;
a tudo o que possa ajudar o homem na realização da sua vocação humana e cristã.

Como costumamos viver o Domingo?

DIZEM VELHOS MANUSCRITOS

(Continuação do número anterior)

Desde os fins do século xv até ao final do século xviii, em toda a Europa campeava a corrupção e o crime.

Os laços familiares quebravam-se para surgirem uniões à margem de todos os princípios religiosos, sociais e morais; o respeito pela vida humana era nulo, podendo afirmar-se que ninguém estava seguro na sua pessoa e bens.

Ora a sociedade em crise que parecia ir sussobrar num mar torvo e revoltado de animalidade e bruteza primitivas...

Por nosso mal, em Portugal as coisas não iam melhor.

Para as descrever e não podendo ser mais claro e mais sucinto do que o é Nicolau Clenardo, limito-me a transcrever o período de uma carta que, nos meados do século xvi, de Évora, escreveu a seu mestre Latomus, na qual a sociedade portuguesa era apreciada nos seguintes termos: «Para em breve o dizer: por toda a Espanha me parece quadra muito de molde a *Venus* o epíteto de pública e mais em Portugal onde é raro topar mancebo legitimamente ligado».

Era esta, na verdade, o panorama geral da sociedade portuguesa de então.

E na nossa pequena aldeia o que se passava nessa época?

Os casamentos sucediam-se à média de 5,6 por ano; e os nascimentos registavam-se à média de 19,8 em igual período de tempo.

Parece, pois, pelos números que aí ficam que, aqui, as coisas se processavam de forma bem diversa da do resto do país...

Mas, não é assim inteiramente, como se vai ver.

Dos 2.981 nascimentos ocorridos nos 150 anos que vão de 1650 a 1799, havia 145 crianças que eram filhos ilegítimos, isto é, numa percentagem de 4,9.

Note-se que nos primeiros 50 anos a percentagem era apenas de 2,6 subindo, nos 50 anos imediatos, para 4,2 e nos últimos 50 atingiu 6,5.

Isto é, à medida que o tempo ia correndo o mal ia-se assentuando.

Estes filhos ilegítimos eram de 90 mulheres solteiras, 1 casada e 5 viúvas.

Destas havia com 1 filhos apenas — 66 mulheres. com 2 filhos — 14 mulheres.

com 3, 4 e 9 filhos havia 10, 4 e 1 mulher respectivamente.

Ora, se o caso das que tinham 1 ou 2 filhos somente, pode ser considerado como meramente accidental, o mesmo não sucede com o das restantes 16, cujas reincidências nos levam já a classificá-lo de ligações ilegítimas; isto é, em cada 100 lares, havia 1,8 que eram ilegalmente formados.

É muito? É pouco?...

Creio que, em relação ao que ia por esse mundo além, as percentagens referidas são insignificantes; mas eu queria que fossem ainda menores.

Em estudos similares a que estou procedendo na freguesia de Nossa Senhora da Apresentação, de Aveiro, até 1940 registou 1.268 nascimentos entre os quais havia 29 que eram filhos ilegítimos, isto é, 2,3 por cento e apenas 2 lares formados à margem das leis divina e humana.

E, não me surpreenderia que se desse precisamente o contrário, porquanto, as 12.000 almas que constituem a população de toda a vila de Aveiro era, em parte, um amálgama de gente, vinda dos quatro cantos do continente e aqui se fixavam.

Acresce ainda que o seu porto comercial era assiduamente visitado por grande número de mercadores estrangeiros, como ingleses, holandeses, franceses, genoveses, venezianos, napolitanos, etc. os quais sob o ponto de vista moral não deviam estar em melhores condições do que nós.

Mas, a par deste clima de devassidão e crime que, em poucas linhas, acima se descreveu, havia, há já muito, como reacção a tantos desvios morais, virtudes «elevadas até ao mais puro misticismo», cuja existência recatada e modesta avia de produzir, mais tarde ou mais cedo os seus bons frutos, avassalando e dominando esse mar torvo e revoltado de paixões estuantes, de podridões e de imundícies.

O tempo prometia escampar e uma nova era se preparava para varrer a enlicagem e permitir que à tona de água, aparecessem tesouros até ali quase ignorados.

Mas, deixemos estas considerações para outra oportunidade e voltemos ao assunto que se anunciou para este capítulo.

ALDEIA DAS DEZ

Casamento — No dia 5 de Fevereiro, realizou-se o casamento do Sr. António Marques da Cruz, do Secolinho, com a menina Maria da Conceição Gomes, filha do Sr. Francisco Gomes e da Sr.^a D. Gracinda Nunes.

Que sejam muito felizes.

Goulinho — Conforme tinha sido anunciado, no dia 25 de Janeiro realizou-se a festa do Padroeiro, S. Paulo, sendo mordomo o Sr. Genésio Mendes Formigo.

Antes da festa foi arranjada a capela, que levou telhado novo, foi caiada e pintada por dentro e caiada por fora e procedeu-se à instalação da luz eléctrica.

Todos estes melhoramentos se ficam devendo ao Sr. Genésio, ao Sr. Germano Lourenço Duarte. Também ajudaram o Sr. Ernesto Lourenço, Augusto Jorge Acúrsio e toda a população.

Gramação — A estrada tem andado em construção e já chega à Capela e à povoação. Já não é preciso ficarem os carros no barrôco.

Também já se conseguiu adquirir o terreno para alargamento da Capela cujas obras devem começar muito em breve.

Visite o Santuário de Nossa S. das Preces

Assinaturas pagas

da VOZ DO SANTUÁRIO durante os meses de Jan.-Fevereiro

Com 10\$00 pagaram os Senhores:

Aníbal Pereira Madeira, Lisboa.

Joaquim Ribeiro, Pomares.

José Nunes da Fonseca, Avelar.

D. Celeste de Jesus Carvalho, Pomares

António Gabriel dos Santos, Lisboa.

D. Eduarda da Conceição, Lisboa.

Delfim Freitas da Silva, Avô.

João Lourenço de Moura, Lisboa.

Francisco Coimbra de Figueiredo, S. Pedro d'Alva.

D. Maria da Piedade Castanheiro, Foz da Moura.

D. Maria de Lurdes Figueiredo, Valeiro Grande.

José Mendes Dias, Chão Sobral.

Manuel João Dias, Chão Sobral.

António Marques da Cruz, Aldeia das Dez

Augusto Mendes Abranches, Aldeia das Dez.

Afonso Dias, Aldeia das Dez.

Maximino de Jesus Martins, S. Sebastião da Feira.

D. Maria da Mota e Silva, Catraia de S. Paio.

Miguel de Sousa Campos, S. Vicente da Beira.

Armando Gonçalves, Chão Sobral.

D. Maria dos Santos Gonçalves, Lisboa.

D. Maria Olímpia Figueiredo, Aldeia das Dez.

D. Maria do Céu Garcia, Aldeia das Dez.

D. Ana Isabel dos Santos Castanheira, Lisboa.

Joaquim Gonçalves Ferreira, Oliveira do Hospital.

António Marques, Oliveira do Hospital.

D. Carmo Andrade, Oliveira do Hospital.

D. Dolores Ferreira Dinis, Aldeia das Dez.

Mário Marques Figueira, Barril d'Alva.

Apolinário Rodrigues de Barros, Monde.

Benjamim da Cruz Gouveia, Alvoco de Várzeas.

Com 12\$50 pagou a Sr^a D. Maria de Lurdes Mendes dos Santos, Lisboa.

Com 15\$00 pagaram os Senhores:

Manuel Mendes Sazes, Aldeia das Dez.

Álvaro da Costa Simões, Portimão.

Silvério Castanheira, Lisboa.

José Francisco Castanheira, Lisboa.

António Lourenço Júnior, Goulinho.

Com 20\$00 pagaram os Senhores:

Porfírio Luís da Silva, América do Norte.

D. Maria da Anunciação Martins, Sobral Gordo.

António Marques da Costa, Setúbal.

José Lourenço Marcelino, Meãs.

António Loureiro, Coimbra.

D. Gracinda de Jesus, Lisboa.

António Joaquim de Carvalho, Aldeia das Dez.

Fernando Guilherme Duarte Naves, Lisboa.

Alfredo Varela Pinto, Oliveira do Hospital.

João Loureiro, Oliveira do Hospital.

Dr. Carlos Gomes, Oliveira do Hospital.

Cónego João Antunes da Costa, Lagos da Beira.

João de Matos, Oleiros.

José Dias, Lisboa.

Freire de Lima, Amadora.

D. Vestina Mariana Pereira, Loures.

D. Maria Preciosa Nobre, Vide.

D. Maria Manuela Nobre, Coimbra.

Aníbal Lourenço, Lisboa.

António da Costa Marques, Mangualde.

Manuel Marques, Aldeia das Dez.

D. Etelvina de Campos, Luadas

Francisco Mendes Diniz, Oliveira do Hospital.

D. Elvira da Conceição Martins, Chamusca da Beira.

Arnaldo Pacheco, Piódão.

Armando Nunes Baila, Porto de Mós.

Manuel Pimenta da Silva, Celorico da Beira.

Dr. José Antunes, Alvôco de Várzeas.

António Vaz da Cruz, Lisboa.

Artur Aires Mendes, S. Paulo.

D. Maria Adélia Dias Nunes, S. Paulo.

Com 25\$00 pagaram os Senhores:

Feliciano Portugal, Oliveira do Hospital.

António da Costa, Galises.

Com 30\$00 pagaram os Senhores:

Joaquim Francisco Morais, Lisboa.

António Carlos Moura Ferreira, Pomares.

D. Irene Planas, Coimbra.

Com 40\$00 pagaram os Senhores:

José Gonçalves Carvalho, Aldeia das Dez.

D. Maria Emília da Silva Marques Brito, Lisboa.

Com 50\$00 pagaram os Senhores:

Dr. Vasco de Campos, Avô.

Sebastião Dias Bailão, Argentina.

D. Maria Ester de Ascensão Monteiro, Covilhã.

António Henriques, Argentina.

Mário Marques, Avelar.

Alfredo de Jesus Hall, Lisboa.

D. Otilia Adrega de Moura, Sandomil.

António Mendes Figueiredo, Covilhã.

D. Maria Celeste Guilherme de Sousa, Lisboa.

Com 100\$00 pagaram os Senhores:

João Gonçalves Matoso, Rio de Janeiro.

Dr. José Gonçalves Matoso, Rio de Janeiro.

Francisco da Costa Ferreira, S. Paio de Gramaços.

José Afonso, Vidago.

Aníbal da Silva, Lisboa.

Condições de assinatura por um ano

A «Voz do Santuário» que se publica uma vez por mês tem duas categorias de assinantes:

Simple assinantes . . 10\$00
Assinantes benfeitores 20\$00
Para o estrangeiro . . 20\$00

Leia, Assine e Propague

«Voz do Santuário»

A Jesus Cristo devemos a Redenção A Nossa Senhora devemos o Redentor

A Santíssima Virgem, foi cooperadora, escolhida por Deus, para a nossa redenção.

Cooperar é agir com alguém na mesma obra; é uma obra feita por dois; assim cooperação é a participação de Maria na nossa redenção operada por Jesus Cristo.

Os Santos Padres são unânimes em atribuir a Maria Santíssima na obra da nossa redenção, a mesma parte que se atribue a Eva no pecado original que nos perdeu.

A morte veio-nos por intermédio de Eva; a vida por intermédio de Maria. Eva feriu-nos; Maria curou-nos. A sedução de Eva levou à morte; o consentimento de Maria deu-nos a vida. Por uma mulher veio a maldição ao Mundo; por uma mulher veio também a bênção.

Bossuet exprime assim o paralelismo que existe entre Eva e Maria:

A obra da corrupção começou por Eva; a obra da reparação por Maria. A palavra da morte foi trazida por Eva; a palavra da vida foi trazida por Maria. Eva era virgem ainda; Maria foi sempre Virgem. Um anjo das trevas quer elevar Eva a uma falsa grandeza, desejando ser como Deus; o anjo da luz coloca Maria na verdadeira grandeza por uma santa união com Deus. Eva acreditou na serpente; Maria acreditou no anjo.

Maria Santíssima associou-se ao Pai Celeste no acto que dá o Salvador ao Mundo. É por Ela que Deus nos deu o Redentor e foi a Ela que Deus pediu o consentimento para nos dar o Salvador.

Na redenção, Jesus Cristo, para realizar a missão de Salvador, deve reunir na unidade de pessoa a natureza divina e a natureza humana e para formar este admirável composto de duas

naturezas, é preciso a acção de Deus e a acção de Maria, Deus tira das profundezas do seu ser a divindade e dá-a ao Verbo; Maria Santíssima tira do seu seio virginal a humanidade e dá-a a Jesus.

Nossa Senhora associou-se ao seu divino Filho em todas as acções que tinham por fim a nossa redenção.

Se Jesus Cristo toma uma carne igual à nossa. Maria fornece-lhe a substância desta carne e por isso Santo Agostinho pôde dizer: a carne de Jesus Cristo é carne de Maria, e dando-nos o seu corpo em alimento e o seu sangue em bebida, deu-nos o corpo e sangue da Virgem Maria transformados na sua própria substância.

Se Jesus Cristo quer à lei da circuncisão é Maria que assiste e preside a esta dolorosa operação.

Se Jesus Cristo quer oferecer-se ao seu eterno Pai no templo, é pelas mãos de Maria que se oferece.

Se Jesus Cristo é ferido de morte pela nossa salvação, Maria ao mesmo tempo e com o mesmo fim é ferida com uma espada de dor.

Se Jesus Cristo leva no seu corpo a dor dos nossos pecados, Maria leva-a no seu coração e sofrendo uma dor comum, oferecem um mesmo sacrifício, Jesus banhando-o com o sangue da sua carne, Maria com o sangue do seu coração.

É verdade que não podemos repartir igualmente entre Jesus e Maria o grande benefício da nossa redenção. Só Jesus Cristo é que é o autor da nossa redenção, mas a verdade é também que sem Maria não teríamos um tal Redentor.

Maria Santíssima contribuiu para a nossa salvação, dando a Jesus Cristo o corpo com o qual Ele pôde sofrer e morrer por nós.

Assim vai a nossa Assistência

(Continuado da página um)

Assistência aos Menores e outra era uma Educadora da Infância.

Viram com os seus olhos o que se está a fazer. Tudo viram de tudo tiraram apontamentos, levaram as melhores impressões e prometeram voltar.

Como vêm, a nossa Assistência vai indo, vivendo cada dia a sua vida, com as suas preocupações e

aflições, com as suas alegrias e esperanças, sempre com a preocupação de dar saúde e alegria às crianças da nossa freguesia.

Claro que isto só se pode conseguir com a ajuda dos nossos amigos e generosos benfeitores.

Para todos eles vão as nossas saudações e os nossos agradecimentos.

A Quaresma é uma escola de vida espiritual; faz-nos entrar no grande retiro anual pela qual a Igreja prepara a festa da Páscoa.

Outrora a preparação imediata dos neófitos que receberiam o baptismo na noite pascal era acompanhada de um aumento de fervor de todos os membros da Igreja que pelas suas orações, penitências e esmolas criavam o ambiente propício de que beneficiariam os que iam nascer para a vida divina. Os primeiros cristãos davam assim prova de possuir em alto grau, o sentido da unidade, tendo plena consciência de estarem realizando uma obra da Igreja e não uma obra pessoal.

É bem esta a verdadeira concepção que convinha tivéssemos ainda hoje da Quaresma: é a mais intensa santificação da Igreja pelas obras dos seus membros agindo como instrumentos inteligentes.

Enquanto a piedade do Advento é um apelo confiante, um trabalho de aproximação, a da Quaresma é um pedido de conversação, um trabalho de purificação.

Enquanto a piedade do Advento é um apelo confiante, um trabalho de aproximação, a da

QUARESMA

PRECIOSO RETIRO ESPIRITUAL

Quaresma é um pedido de conversação, um trabalho de purificação...

Este programa é-nos traçado nas epístolas dos três primeiros domingos. S. Paulo aponta o trabalho da conversão a realizar, a fim de tornar fecunda a graça de Cristo: fugir da impureza, da cobiça, das palavras ferinas ou falsas; praticar a paciência, a bondade, a caridade, a meditação, união a Deus, pelo Espírito Santo.

Para alcançar este fim devemos servir-nos *das armas ofensivas e defensivas da justiça*: ser perseverantes apesar da angústia, dos sofrimentos, das privações, do cansaço pelos trabalhos, dos jejuns e das vigílias...

Todos os dias durante a Quaresma, um trecho, do Evangelho nos recorda algum episódio da vida pública de Jesus Cristo...

Uma coisa chama aqui a atenção, na série das narrativas evangélicas: a luta progressiva entre Cristo e o espírito do mal que ele tinha por missão aniquilar Satanás.

Inicia-se essa luta pela triplice tentação no deserto que nos é

descrita no primeiro domingo da Quaresma.

Cristo quis aceitar todas as nossas fraquezas, excepto o pecado, incompatível, não só com a sua santidade divina, mas ainda com a sua natureza humana, invulnerável porque confirmada em graça, na sua união com o Verbo.

Refletamos um pouco sobre isto: nosso poder de resistência ao demónio, cresce na medida em que essa mesma graça nos une a Cristo...

A luta manter-se-á até ao fim; o demónio que se tinha retirado após a derrota do deserto insistirá ainda, não directamente mas por intermediários: são os possessos, é a oposição dos fariseus com o seu espírito de crítica e de contradição; uma conspiração toda feita de ódio surdo, de embustes subtis se acentua e intensifica até chegar à traição de Judas, levando Cristo à morte... Vitória de Satanás, apenas aparente, pois que, na realidade, por essa morte consumir-se-lhe-ia a derrota total.

Tal é o desenvolvimento do drama, que se tornou o drama

da nossa Redenção e que seguimos durante a Quaresma. É neste espírito que nos é útil ler os evangelhos deste ciclo litúrgico.

Fazendo-nos participar no seu grande retiro, a Igreja aponta aos seus membros o método pelo qual deverão neles desenvolver a necessária conversão.

Implica três exercícios: o jejum, a oração e a esmola, que possuem a virtude de combater em nós os vestígios do mal, herdados de Adão, permitindo-nos assim comungar sempre nas forças de Cristo.

O jejum porque não há verdadeiro cristianismo sem mortificação da carne. Meditemos os textos deste tempo litúrgico para compreendermos o valor da purificação obtida pelos sofrimentos corporais voluntários da necessidade que temos da penitência para a remissão dos nossos pecados...

O Tempo da Quaresma é por excelência o tempo da oração... É ainda na liturgia deste tempo que encontramos o contínuo convite à oração humilde e suplicante...

A conversão opera-se também

pela *esmola*. *Esmola do nosso dinheiro «o que economizamos pelos jejuns»* no dizer de S. Leão; mas sobretudo a esmola da nossa bondade, da nossa caridade, esquecimento de si próprio para se dar aos outros.

Retiro, pois, da Igreja em que se entrelaçam o jejum, a oração, a esmola, segundo as capacidades diversas dos seus membros e que a própria Igreja lhes impõe. Mas retiro feito, antes de tudo, com sinceridade, consentimento amoroso no íntimo da alma, que emprestará ao modo de viver, de cada católico, uma nota mais austera, afastando-o dos prazeres do mundo.

A mais bela lição a Quaresma é, talvez, esse convite insistente que encontramos nos textos litúrgicos para uma confiança absoluta na misericórdia divina: as lutas, renúncias e mortificações serão suportadas com alegria confiante por sabermos que Deus aceitará tudo, dando-nos as Suas graças e a suprema recompensa.

Acompanhemos a vida litúrgica da Igreja e neste longo retiro espiritual encontraremos a necessária conversão a Deus e a melhor preparação para o Mistério da Páscoa.

○ MISTÉRIO ○ PASCAL

Na linguagem vulgar portuguesa, a palavra «Páscoa» é sinónimo do Domingo em que se celebra a Ressurreição do Senhor; mas em rigoroso sentido teológico o «mistério pascal» inclui mais do que este simples facto. Escutemos o que diz o Concílio Vaticano II, na Constituição sobre a Sagrada Liturgia (n.º 5): «A obra da redenção dos homens e da perfeita glorificação de Deus... realizou-a a Cristo Senhor nosso principalmente pelo *mistério pascal da sua bem-aventurada Paixão, Ressurreição dos mortos e gloriosa Ascensão*, em que morrendo destruiu a nossa morte e ressurgindo restaurou a nossa vida». Como se vê, no texto que acabamos de citar, sob a designação geral de «mistério pascal» estão incluídas não só a Ressurreição do Senhor mas também a Sua Paixão, Morte, Ressurreição e Ascensão gloriosa. Qual o motivo?

Primeiramente, notemos que Páscoa quer dizer passagem; e uma passagem pressupõe sempre um termo donde se parte e um termo aonde se chega. Por isso, a Páscoa, ou passagem, do Senhor inclui a Sua Morte temporal, como ponto de partida, e a Ressurreição e Ascensão ao céu, como ponto de chegada.

Além disso, a Morte do Senhor foi um verdadeiro sacrifício oferecido, pela nossa salvação, ao Eterno Pai. Não nos referimos nós a ela, muitas vezes, designando-a como «o Sacrifício da Cruz?» Ora, um sacrifício é sempre um oblação; normalmente, a oblação dum vítima imolada; mas sempre, e fundamentalmente, uma oblação ou um oferecimento. Sendo assim, reparemos numa coisa: uma oblação não é completa se não for aceite. Se me oferecem, por exemplo, um livro, e eu o não aceito, o oferecimento ficou mutilado. Também no caso do

Sacrifício do Calvário, a oblação feita por Nosso Senhor na cruz, para ficar completa, precisava de ser aceite pelo Eterno Pai.

E foi-o. Mas como todo o sacrifício é um sinal, isto é, um acto externo, que tem determinado sentido; e, como qualquer sinal, é, de sua natureza, visível; também a aceitação do oferecimento de Cristo na Cruz se devia traduzir em algum facto sensível. E assim aconteceu. O Eterno Pai ressuscitando Jesus dentre os mortos, e assentando-O no céu à Sua direita, mostrou que aceitara benévola e a oblação por Ele oferecida.

É por isso que na Missa — que é a actualização do sacrifício de Cristo, único Mediador entre Deus e os homens — se recordam duas vezes, como intimamente unidas, a Paixão, Morte, Ressurreição e Ascensão do Senhor. Podem os nossos leitores consultar o seu missal, na oração que precede o «Orai,

irmãos, para que o meu sacrifício...», e no cânon da missa logo a seguir à consagração. Paixão e Morte, Ressurreição e Ascensão são, pois, mistérios mutuamente ligados e com eles se integra o mistério pascal.

Falta ainda, porém, um aspecto que não devemos esquecer. Todo o sacrifício é um acto religioso que tem, por assim dizer, dois movimentos: um ascendente; outro descendente. Pelo sacrifício sobem até Deus as nossas homenagens de louvor, de acção de graças, de reparação; mas, uma vez aceites estas homenagens, descem de Deus até nós os frutos do sacrifício, isto é, as bênçãos e as graças do Senhor.

Foi o que aconteceu com o sacrifício de Cristo, que é o sacrifício por excelência. Logo que subiu ao céu, enviou à Sua Igreja o divino Espírito Santo para a amparar, para lhe assistir, para a encher de dons celestes. E o que outrora se realizou no

dia de Pentecostes, tem continuado até ao fim do mundo. O Espírito Santo é a alma da Igreja, que incessantemente a vivifica; os dons de que a cumula são frutos do Sacrifício da cruz.

Tal é, em resumida síntese, o contexto do mistério pascal como foi realizado pelo divino Salvador

Mas esse mistério perenemente actual. Ouçamos uma vez mais o Concílio Vaticano II, na Constituição sobre a Sagrada Liturgia (n.º 6): «Como Cristo foi enviado pelo Pai, assim também Ele enviou os Apóstolos, cheios do Espírito Santo, não só a pregar o Evangelho a toda a criatura, mas também a celebrar o Sacrifício e os Sacramentos, à volta dos quais gira a vida litúrgica, realizando a obra de salvação que anunciavam.

Pelo Baptismo são os homens inseridos no mistério pascal de Cristo: mortos com Ele, sepultados com Ele, com Ele ressuscitados. (Continua na página 2)

A Festa da SENHORA das PREGES

realiza-se nos dias 1 e 2 de Julho

Aponte na sua Agenda e não esqueça a merenda